

AS PESSOAS DE PESSOA: UMA ANTOLOGIA NA DISCUSSÃO ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA

Telma Regina Esteves Lanini (UNIGRANRIO)

telmalaninimkt@gmail.com

José Carlos Sebe Bom Meihy (UNIGRANRIO)

RESUMO

O presente artigo tem como escopo principal realizar uma antologia literária contemplando o capítulo intitulado Fernando Pessoa, do livro *Filosofia Sentimental* de Frédéric Schiffter, e de três dos artigos disponíveis na Plataforma Capes referentes ao poeta português Fernando Pessoa. O primeiro artigo escolhido foi *A Heteronímia de Fernando Pessoa: Literatura Plurilíngue e Translacional*, de Joaquim Michael, por tratar da multiplicidade do eu e da pluralidade linguística de Pessoa. O segundo artigo selecionado para esta antologia foi *Filosofia e Literatura: Os desdobramentos do Ser em Montaigne e Fernando Pessoa*, de Gilmar Henrique da Conceição. A contribuição deste artigo está no que tange a representação da liberdade do pensador e do poeta, na multiplicação do eu como expressão de sua própria verdade. O terceiro artigo que compõe esta antologia é *Mística e Angústia na obra de Fernando Pessoa*, de Alessandro Rodrigues Rocha. Este artigo nos traz a discussão do poeta fingidor, a dor fingida e da dor sofrida por Pessoa em sua complexa criação literária. Esta antologia será a porta de entrada para uma breve discussão entre Literatura e História. A perspectiva dos desdobramentos das emoções do ser e as diferentes perspectivas da obra de Pessoa através de seus heterônimos Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis serão comentadas neste trabalho, a partir da observação das lembranças pessoais do autor Frédéric Schiffter, escritas no referido capítulo do livro *Filosofia Sentimental*.

Palavras-chave:

Antologia. Heterônimos. História. Literatura. Fernando Pessoa.

1. *Filosofia Sentimental*

No livro *Filosofia Sentimental: ensaios de lucidez*, o autor Frédéric Schiffter utiliza as perspectivas de pensadores que tinham em sua obra a escrita sobre sua experiência pessoal, e aborda temas como morte, tempo, tristeza, entre outros. Uma obra que apresenta, de forma intimista, reflexões e lembranças pessoais, analisadas e parametrizadas com os autores Friedrich Nietzsche, Fernando Pessoa, Marcel Proust, Arthur Schopenhauer, Eclesiastes, Michel de Montaigne, Chamfort, Sigmund Freud, Clément Rosset e José Ortega y Gasset.

Ao tomar a perspectiva sob o olhar de Fernando Pessoa, o autor lança mão de sua personalidade e parte de sua experiência de vida.

O autor se retrata, encontra representatividade nos versos de Pessoa, inicia analisando sua experiência como professor, e atenta para o fato de que definir o motivo da escolha da profissão, é uma questão destinada à interpretação do interlocutor.

Schiffter destaca os versos de Pessoa:

Viver uma vida cultivada e sem paixão,
Suficientemente lenta para ficar sempre à beira do tédio,
Suficientemente meditada para jamais nele cair

Para Schiffter, ficar sempre à beira do tédio significa seu estado de vivência. Declara sua profissão de professor um refúgio para se manter a beira desse tédio, onde acredita dominar melhor a sequência dos acontecimentos da vida. Declara sua profissão como “ganha pão nascido sob o signo das férias crônicas” e quando sua rotina se apresenta “menos rica em tempo livre” e o obriga a relações humanas tediosas, ou como ele diz otimistas e cheias de vida, busca condições propícias para cultivar seu desassossego multiplicando pausas.

Justifica-se, por exemplo, quando admite que prestou o exame para obter o Certificado de Aptidão ao Professorado do Ensino Secundário (Capes) quatro vezes, que sua alma indecisa permeia entre a negligência e a procrastinação.

Valoriza a estadia à beira do tédio, como um subterfúgio para controlar o tempo e dominar os cultivos da vida.

O texto traz muitas lembranças pessoais, carregadas de emoções, e detalhadas de forma a conduzir o leitor a uma reflexão sobre o desassossego do autor. Em alguns momentos da leitura, a atmosfera pessimista e o peso das palavras exprimem essas emoções de forma intensa.

Ao descrever Biarritz, quando inicia a escrita sobre a morte de seu pai, Schiffter atenta para o fato de que ela não é a Lisboa de Pessoa. A descreve como estação balneária fantasma. Este trecho é marcado pelo detalhamento de suas paisagens e clima, descritas com um sentimento poético e bonito de se ler.

Este cenário aporta todo o pesar de seu luto, e a melancolia de sua mãe.

Questiona sua condição de órfão, e trata sua adolescência marcada por este luto como um período de incompreensão da vida e de inadaptat-

ção ao mundo. E aponta que essas incompreensões se fazem presentes ao longo de sua vida:

Eu, a quem o simples fato de respirar já leva à fadiga, fico aterrorizado com o dinamismo e a seriedade com que meus semelhantes perseveram na agitação, como se acreditassem participar de não sei que missão transcendente, estimulados por um desejo de atingir uma finalidade misteriosa. (SCHIFFTER, 2012, p.40)

Um texto que se encerra na afirmativa de que “a tristeza forma os diletantes”, pois o autor declara que nessa vida cultivada e sem paixão, passa mais tempo projetando que escrevendo, ou seja, à beira do tédio, suficientemente meditado para jamais cair nele.

O autor apresenta em seu texto sentimentos e vivências, e transporta para sua escrita literária, com o aporte de autores como Fernando Pessoa, a importância que a literatura tem em sua vida.

Não busco uma forma de exílio nos livros. Se pratico a leitura como a arte de me transportar mentalmente para outro lugar, não é com a finalidade de mudar de horizonte, mas, ao contrário, de me defrontar com meus símbolos mais íntimos. (SCHIFFTER, 2012, p. 42)

A escrita para Schiffter se tornou um meio de diálogo oculto com seu próprio eu, com seus temores e questões mais íntimas, ainda que seja de verdade, em parte somente. Ainda que uma escrita cultivada por uma vida que ele mesmo julga sem paixão. Afirma ainda que passa mais tempo projetando que escrevendo. Projeta a própria vida em sua escrita, e vivencia a literatura através dela.

2. Heterônimos de Pessoa

A heteronímia de Fernando Pessoa, expressa a multiplicidade de sentimentos deste poeta, que fez de sua escrita literária o fim da singularidade de seu eu.

Como se sua alma poética transbordasse de tantas maneiras, que uma existência somente não pudesse comportar tamanhos sentimentos. E assim ele criou várias. Transbordou-se nelas. Projetou-se escrevendo, e comoveu com dores sentidas e fingidas, mas que fizeram sentido em cada um de seus heterônimos.

Pessoa, em outras palavras, não agregou à literatura um outro eu que de diversas maneiras finge o que “deveras sente”, senão muitos eus fictícios e fingidores. Ou seja, se num sentido quantitativo, a literatura se constitui de um conjunto de autores e suas obras, Pessoa passou a criar toda uma literatura, já

que a heteronímia apresenta uma multitude de eus que se expressam – ou melhor: que debatem o esvaziamento da expressão poética. (MICHAEL, 2014, p.165)

Fernando Pessoa fez biografias para suas personalidades literárias. Cada qual com suas características pessoais e formas distintas de escrever, expressavam uma verdade da existência do poeta, ficcionalizando-a em suas criações.

(...) ele desconstrói-se como sujeito criador que antecede o resultado de sua criação. Ele, em outras palavras, destrói o conceito de literatura que se fundamenta no conceito de autor, porque converte a própria categoria de autor em objeto de ficção. (MICHAEL, 2014, p. 163)

Os três heterônimos mais conhecidos de Pessoa são Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro.

Álvaro de Campos é um dos heterônimos mais conhecidos de Fernando Pessoa, e o poeta expressava por esta personalidade a escrita de toda a emoção que não cabia em si.

O heterônimo Ricardo Reis era um médico, e a personalidade que expressava temas como bem viver, serenidade, prazer e equilíbrio.

Alberto Caeiro era considerado o mestre dos outros heterônimos e do próprio Fernando Pessoa, e a personalidade que melhor representa o subjetivismo do poeta.

Através da heteronímia, Fernando Pessoa se desprende de uma literatura vinculada à realidade. A literatura de Pessoa faz-se duvidar ou até mesmo negar a real existência do seu criador, a partir da existência das personalidades literárias criadas.

Fernando Pessoa questionava a realidade e a convertia não só no que escrevia, mas a projetava no que os outros, seus heterônimos, escreviam:

Desta forma, as escritas heteronímicas oficalizam toda uma literatura composta de autores e obras que se correspondem, se diferenciam, se contradizem, mas sempre se relacionam de uma maneira ou de outra uns com os outros. Cada autor heteronímico escreve sobre “aspectos” daquilo que, no fundo, representa não a realidade, mas sim o desaparecimento desta. (MICHAEL, 2014, p. 166)

É possível compreender então, a literatura de Fernando Pessoa através da heteronímia como a projeção do seu eu, pulverizadora de suas emoções e vivências, perspectivas e criatividade. A permissão poética de

escrever de formas distintas, e ao mesmo tempo como um conjunto de possibilidades que extravasem o seu eu original.

3. *Pessoa e os desdobramentos do Ser*

A ideia de ser e não ser, sentir e fingir, não fingir esentir, é discutida na obra de Pessoa, em sua poesia e em suas ideias filosóficas.

Como se esse encontro de personalidades, que ainda diferentes pareciam conciliar até mesmo seus contrários. Seus heterônimos não eram indiferentes em relação ao outro, e bem na verdade, nem a ele mesmo.

Conceição (2014) analisa e descreve Pessoa como um enigma, que fala de si de forma a esconder-se naquilo que revela. Como se algo sobre ele fosse indizível por si próprio, mas decifráveis por seus intérpretes.

(...) Pessoa é o poeta dos heterônimos; o poeta que se desmultiplica na figura de inúmeros heterônimos e semi-heterônimos, dando forma por esta via a amplitude e à complexidade dos seus pensamentos, conhecimentos e percepções da vida e do mundo; ao dar vida às múltiplas vozes que comporta dentro de si. (CONCEIÇÃO, 2014, p. 211)

A escrita de uma vida pode ser feita de várias maneiras, e para um autor, projetar em sua obra suas lembranças pessoais, percepções sobre o mundo e sua marcha diária, seus ideais, questionamentos e contradições, pode traduzir esforços complexos que transcendam a existência de seu próprio ser.

A possibilidade de externar-se no outro, e fazer dele uma extensão do seu próprio eu e de toda complexidade presente nele, talvez tenha sido somente uma estratégia literária para Fernando Pessoa. O fato é que isso caracterizou sua obra, e tornou-se seu legado para a literatura.

Os desdobramentos do ser, suas verdades e inquietações, tornaram-se então arcabouço para a multiplicação de seu eu literário.

As diferentes máscaras e heterônimos são confissões de uma busca que não pode ter fim. O espaço abre e se esvazia porque o desejo impõe uma suspensão indefinida: a saciedade não é seu objetivo. (CONCEIÇÃO, 2014, p. 207)

Assim como Pessoa desdobrou-se em personalidades literárias, seus heterônimos conscientemente fragmentavam essa pluralidade em perspectivas coerentes com cada uma destas personalidades.

Multiplicava suas dores, temores e partilhava-as com cada um de seus heterônimos que, por sua vez, relacionavam-se com as dores e temores dos demais heterônimos. Como se seus fragmentos, ao se distribuírem, não deixassem de fazer parte do todo. E o todo, não existisse sem se fragmentar.

O desdobramento do ser, para Pessoa, não representava a repetição do ser, mas desencadeava novos caminhos, outras possibilidades, e que fazia das diferenças de suas personas trajetórias distintas e infinitas de pluralidade e manifestação.

Não havia tempo ou espaço que delimitasse a integração dos fragmentos de seu eu, já que eles se apoderavam do tempo e espaço preenchidos por cada heterônimo que criara.

Sendo assim, poderia sentir o que quisesse e de maneiras infinitas, representadas por cada um de seus desdobramentos, defendidos na escrita de cada um de seus heterônimos.

4. O poeta como fingidor

E a heteronímia fez de Fernando Pessoa o poeta múltiplo. Sua obra caracterizada por estar presente no que poderíamos chamar de “as pessoas de Pessoa”.

Mas, e o Pessoa, ele mesmo, seu eu original? Aquele se desdobrou de forma fragmentada e plural? Há em sua escrita algo confessional, ou verdadeiramente biográfico?

Rocha (2012) descreve Pessoa como, em certo sentido, também um heterônimo:

O poeta é múltiplo: dentro dele encerram-se vários eus e ele não se consegue encontrar nem definir inteiramente em nenhum deles, é incapaz de se reconhecer a si próprio como tal – é, antes, um observador de si próprio. (ROCHA, 2012, p.95)

Fernando Pessoa expressava sua criação poética como uma criação ficcional e, ao mesmo tempo, expressava a busca de identidade, em cada uma de suas personalidades literárias.

Claramente no poema autopsicografia, a discussão do eu é apresentada de forma genial, e Pessoa lança mão a observação do poeta como

aquele que sente a dor e a projeta como sentida, ou finge a dor e projeta que a sente, mas que principalmente a faz ser sentida pelos que o leem:

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.
E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração. (PESSOA, 2007, p.69)

Segundo Rocha (2012), a poesia é um “lugar” existencial muito antes de ser um lugar literário, portanto as lembranças pessoais e as vivências relacionam-se com a literatura, e ambas transcendem a condição humana.

O poeta é consciente de seus questionamentos, limitações, angústias. Pode limitar-se a essas condições humanas ou transcender-se, e enfrenta-las como forma de expressão.

Fito-me frente a frente
E conheço quem sou
Estou louco, é evidente,
Mas que louco é eu estou?

É por ser mais poeta
Que gente que sou louco?
Ou é por ter completa
A noção de ser pouco?

Não sei, mas sinto morto
O ser vivo que tenho.
Nasci como um aborto
Salvo a hora e o tamanho. (PESSOA, 1986, p.420)

Escrever e desdobrar-se em outros, talvez tenha sido para Fernando Pessoa muito mais que um caminho traçado na literatura. Mas também uma trilha muito mais eficaz para explorar sua multiplicidade, para posicionar e perpetuar sua existência e seu desassossego como poeta.

A literatura tende a deixar uma estrada de continuidade, ela não acaba. E permite questionar para não gerar alienação, propõe o pensar para não deixar o indivíduo em posição passiva.

5. *Esta antologia, a Literatura e a História*

As leituras de Schiffter e dos artigos sobre Fernando Pessoa, utilizadas para a antologia proposta, nos apresentam uma inquietação: o limite entre o ficcional e o verdadeiro.

O autor que relativiza ou liga as suas histórias de vida a personagens inventadas, ou a obras literárias, está comprometido com a verdade dos fatos, ou pode ser um “fingidor”?

A verdade como inquietação, está presente na discussão entre Literatura e /ou História.

A palavra escrita e usada como instrumento para expressar sentimentos, não se apoia em verdade para compor uma obra literária. A ficção, ou referenciação pode não ser provável. A literatura traz consigo licenças, principalmente poéticas.

E quando há então, a obrigatoriedade de uma verdade objetiva, provável?

Quando existe a aspiração da escrita virar ciência histórica.

Para se entender melhor, é possível documentar, por exemplo, todas as biografias dos heterônimos de Pessoa, ainda que sejam eles ficcionais. A materialidade das biografias passa a ter um caráter documental.

O texto literário está ligado à concepção de arte, que desobriga a relação com o conceito de espaço e tempo. E por isso, está solta das amarras documentais.

Já a História, realiza a busca por possíveis e determinadas verdades, ancoradas ao documental.

6. *Considerações finais*

Iniciar esta antologia através da leitura de Frédéric Schiffter foi um convite à reflexão sobre as experiências pessoais relativizadas na literatura, através de obras literárias ou de personagens. A parametrização de suas lembranças pessoais com a escrita de Fernando Pessoa, a forma como projetou suas emoções, foram estímulos para um olhar mais apurado à obra de Pessoa.

O poeta fingidor, que usou a heteronímia como expressão de sua poesia. Que se desdobrou em muitos para ser tudo o que pretendia ser, ou deixar de ser.

Pessoa utilizou-se de personalidades literárias para dimensionar suas inquietações pessoais. Schiffter utilizou-se de autores e suas obras para dimensionar suas experiências pessoais.

Ao relatar seu luto e a melancolia de sua mãe, e ao questionar a condição de órfão, com o direito de interpretação de interlocutora que me foi concedido pelo próprio autor no início do texto, acreditei que Schiffter não fingia ser dor, a que descrevia ali. Na dor lida, senti bem a dor que é dele. A mesma dor que o poeta pode fingir, como diz a poesia de Fernando Pessoa.

A Literatura e suas permissões poéticas abrem mão dessa possível verdade e tornam possível o fingimento do poeta.

A História documenta que Fernando Pessoa, através da heteronímia, não só criou personagens, mas criou suas biografias, materializando assim a principal característica de sua construção literária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONCEIÇÃO, Gilmar Henrique da. *Filosofia e Literatura: Os desdobramentos do Ser em Montaigne e Fernando Pessoa. Clareira*: In: *Revista de Filosofia da Região Amazônica*. 01 September 2014, Vol. 1(1), p. 188-214.

BRASIL ESCOLA Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/literatura/fernando-pessoa-seus-heteronimos.htm>.

CONTIOUTRA. Disponível em: <http://www.contioutra.com/carta-em-que-fernando-pessoa-esclarece-a-origem-de-seus-heteronimos/>. Acessado em 27/06/2017.

GLOBO. Disponível em: <http://educacao.globo.com/literatura/assunto/atores/fernando-pessoa.html>. Acessado em 27/06/2017.

MUNDO EDUCAÇÃO. Disponível em: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/literatura/heteronimos-fernando-pessoa.htm>. Acessado em 27/06/2017.

NOVA ESCOLA. Disponível em: <http://rede.novaescolaclube.org.br/planos-de-aula/estudo-dos-heteronimos-de-fernando-pessoa>. Acessado em 27/06/2017.

MICHAEL, Joaquim. *A heteronímia de Fernando Pessoa: literatura plurilíngue e translacional*. Cadernos de Tradução, 01 June 2014, p. 160-81.

PESSOA, Fernando. *Cancioneiro*. São Paulo: LP&M, 2007.

_____. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

ROCHA, Alessandro Rodrigues. *Mística e Angústia na obra de Fernando Pessoa*. In: *Horizonte: revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, 2012, Vol. 10(25), p. 93-103.

SCHIFFTER, Frédéric. *Filosofia Sentimental: ensaios de lucidez*. Trad. de Nícia Adan Bonatti. Rio de Janeiro: Difel, 2012. p. 29-4